

# Jovens enquanto sujeitos do ensino médio: algumas propostas e reflexões



Katiuci Pavei\*  
Thiago Luz\*\*

## Resumo:

O presente texto relata experiências de uma prática docente de Sociologia, realizada no Colégio de Aplicação da UFRGS, entre os anos de 2011 e 2014. A proposta pedagógica foi orientada para jovens estudantes do Ensino Médio, envolvendo a participação dos alunos na elaboração e efetivação do processo e cuja temática norteadora foi Juventude(s).

## Palavras-chave:

Educação. Jovens. Juventudes. Sociologia.

## Abstract:

The current text reports experiences of a teaching practice of Sociology, held at the College of Application of UFRGS, between the years of 2011 and 2014. The pedagogical proposal was aimed at young high school students, involving the participation of students in the elaboration and implementation of the process and whose guiding theme was Youth(s).

## Keywords:

Education. Youth. Youths. Sociology.

## Introdução

Acreditamos na aprendizagem como um movimento que se dá de *dentro para fora*, enquanto um processo produtivo-pessoal-subjetivo-interativo, no qual o sujeito *aprendente* precisa ter papel ativo e criativo na organização e na (re)construção de seu conhecimento, que dará sentido aos conteúdos apresentados, resultando, assim, na aprendizagem significativa, que tem como finalidade possibilitar ao aluno o agir e reagir diante da realidade. Portanto, é um processo complexo que envolve fatores de ordens diversas: cognitivos, simbólicos, afetivos, psicológicos, éticos, metodológicos. Ao contrário da noção de simples transferência de informações, ou transmissão de conhecimentos vinculada a uma postura receptiva-passiva dos alunos, o aprender é ato decorrente de motivação e o docente tem que facilitar o surgimento desse motivo dentro do aluno, de desafiá-lo, favorecendo a curiosidade, incentivando a uma postura investigativa, e apoiá-lo. Em decorrência disso, a aprendizagem parte de um significado contextual e emocional, uma vez que os alunos, frequentemente, já possuem, além de informações sobre os assuntos tratados nas aulas da disciplina, também suas explicações, hipóteses e teses sobre os fenômenos que ocorrem no mundo, tanto no nível mais próximo da sua realidade como de situações ocorridas

\* > Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais. Mestre em Educação. Professora de Ciências Humanas – Sociologia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: profsociologia.katiuci@gmail.com

\*\* > Graduando em Ciências Sociais pela UFRGS. Monitor Acadêmico de Sociologia, CAp/UFRGS. Porto Alegre/RS. E-mail: thiagovinicius.poa@hotmail.com

em lugares distantes que chegam como informações disponibilizadas nos meios de comunicação e internet.

O cerne desta prática pedagógica foi a compreensão dos jovens como sujeitos que realizam ações concretas: apropriam-se do social, interpretam o mundo, dão sentido ao seu mundo e reelaboram práticas e visões de mundo, com base em seus interesses e necessidades. Tal projeto foi denominado *Juventude(s)*, desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRGS, no período de 2011 a 2014. As experiências aqui relatadas também foram apresentadas em um curso ministrado no ano de 2014, no âmbito do Pacto de Fortalecimento do Ensino Médio, vinculado à temática de formação de professoras e professores.

As propostas e sugestões de “o quê” (assuntos) e “como” (metodologias) trabalhar com os estudantes surgiram da constante troca de ideias estabelecida no âmbito da sala de aula, uma vez que acreditamos que o trabalho docente e o ensino das várias ciências só se realizam, de fato, na relação estabelecida entre professores e estudantes, provando realmente que “[...] não existe docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 25).

Segundo Santomé (1995, p. 161), na seleção dos conteúdos do currículo em que arbitrariamente se decide o que é considerado importante para ser ensinado, as culturas e vozes de determinados grupos sociais minoritários – como os jovens – costumam ficar ausentes, ser silenciadas ou pior, quando presentes, esses grupos são apresentados de forma estereotipada e deformada, para que, assim, sejam anuladas as possíveis reações e contestações. O autor menciona que o “adultocentrismo” da nossa cultura acaba nos levando a uma grande ignorância sobre o mundo idiossincrático da juventude; sendo que esse ocultamento envolve os modos de vida juvenis da atualidade e do passado, locais e em outros lugares do planeta.

A juventude aqui é tratada enquanto uma categoria sócio-histórica e cultural, entendendo, portanto, que não há uma juventude com caráter universal, homogêneo e delimitado etariamente, mas, sim, as juventudes, as quais são construídas como “[...] agregados sociais com características continuamente flutuantes” (CARRANO, 2000, p. 12).

Consideramos que a proposta de seleção de conteúdos que desenvolvemos esteve em consonância com as ideias levantadas por Silva (2007), comentarista das OCNs (2006):

Esforço na elaboração e propostas de conteúdos de metodologias de ensino *sintonizadas* com os *sentidos* do Ensino Médio, da *juventude* e das escolas, ou seja, propostas adequadas aos propósitos de formação dos adolescentes, jovens e adultos que estarão no Ensino Médio nos próximos anos” (SILVA, 2007, p. 419, grifo nosso). [...] alguns critérios podem ser acordados em termos de *pressupostos e metodologias de ensino que orientem a seleção de conteúdos e dos recursos e técnicas* a serem desenvolvidos nas escolas: *por exemplo, o acúmulo de conhecimento das ciências sociais sobre a juventude* [...], tanto servem para definir conteúdos como para orientar as didáticas de ensino (SILVA, 2007, p. 422, grifo nosso).

Com o projeto *Juventude(s)* tentamos demonstrar, como aponta Dayrell (2010, p. 89), que entre os novos desafios da escola está a “invasão” da vida juvenil, com seus sons, gostos e estilos neste espaço (outrora marcado por modelos mais rígidos). Além disso, há mudança de entendimento da escola enquanto local de transmissora de conhecimento para também fomentadora de novos saberes.

## O projeto e suas ações

A partir das noções dos jovens enquanto sujeitos de ação, de experiências, de saberes, de desejos, de direitos e de deveres, possuidores de identidades culturais, o projeto

pedagógico *Juventude(s)* privilegiou a autonomia dos estudantes. Algo desafiador, visto que, normalmente o professor apresenta um programa já totalmente construído e fechado, impossibilitando a contribuição do discente. As rígidas hierarquias já institucionalizadas dentro das escolas, por vezes induzem os estudantes a uma posição mais receptora e passiva, o que percebemos, erroneamente, como acomodação e desinteresse discente.

Passamos agora a relatar os procedimentos pedagógicos realizados. Inicialmente, uma atividade que pode se mostrar simples, mas que posteriormente desencadeará escolha de assuntos e procedimentos pedagógicos é a elaboração de questionários, aplicados nos próprios estudantes. A partir disso os estudantes começam a conhecer e reconhecer os diferentes tipos de jovens existentes no mesmo espaço escolar. O questionário poderá traçar um perfil social, econômico e cultural dos jovens, por exemplo: quais são seus gostos, medos, angústias e quais são as desigualdades que ali podem existir. A seguir desse mapeamento pode-se trabalhar com a comparação de dados dos estudantes participantes com dados estaduais e nacionais. Há aqui também a possibilidade de discutir assuntos diversos como renda (desigualdades), mundo do trabalho, orientação sexual, etnias, gênero, preconceitos, as novas configurações familiares e violência são alguns desses temas.

Longo após a fase de (re)conhecimento inicial, o eixo temático trabalhado foi o de *Jovens enquanto sujeitos culturais*, no qual buscou-se propor a reflexão de que todos somos portadores e produtores de cultura, sendo que essa nos condiciona, mas não nos determina. Para tanto, atividades específicas foram desencadeadas. A primeira, intitulada *Construindo noção(noções) de juventude(s)*, teve como objetivo central a problematização de ideias e representações sociais relacionadas à construção de um discurso único e universal de identidade juvenil. Portanto, instrumentalizá-los nos exercícios de estranhamento, método comparativo, análise temporal e espacial, a fim de desnaturalizar o social. A proposta pedagógica partiu da ideia de contar e desenhar suas próprias representações do *O que é ser uma ou um jovem atualmente e (re)conhecer as representações sociais sobre jovens por eles(as) mesmos(as)*. Esse trabalho proporcionou a problematização da tensão entre as esferas da afinidade e da diversidade que constituíam as e os estudantes do CAP, colocando em perspectiva de análise aquilo que eles têm em comum e aquilo que os diferencia (GONÇALVES, 1997, p. 9).

A partir dos olhares sobre si, foi desencadeada a proposta: *Reconhecer as representações sociais produzidas por adultos sobre jovens e, algumas vezes, reproduzidas por jovens*. Em tal atividade buscou-se utilizar os verbetes “jovem”, “juventude”, “juvenil” e “adolescente” de alguns dicionários para traçar essas representações, sejam elas positivas ou negativas. Os pontos positivos trazidos pelos estudantes associados aos verbetes foram “frescor”, “força”, “vigor”, “virilidade”, “aproveitar a vida”, e “energia”. Já os pontos negativos foram: “intransigência”, “imoralidade”, “vida desregrada” e “delinquência”. Aqui, os estudantes puderam refletir sobre suas vidas e discutir se se encaixavam ou não nesses verbetes.

Em seguida a ação pedagógica exercida pretendeu *(Re)conhecer as representações sociais sobre jovens socializadas na mídia*. Os estudantes realizaram pesquisas sobre programas (televisão e rádio), sites e redes sociais (internet), revistas e jornais, sendo que a maioria desses produtos midiáticos eram os utilizados com a maior frequência por eles mesmos, conforme suas preferências para lazer e/ou informação. A ideia era a de análise de conteúdo (textos escritos, orais e imagéticos).

A nova fase foi intitulada *(Re)conhecer a juventude como uma categoria socialmente construída*. Demonstrou-se como a juventude é permeada por contextos e condicionantes: históricos, sociais, espaciais, econômicos e culturais. A juventude seria, portanto, uma fase da vida com sentidos diferentes não apenas uma fase transitória da vida etária-biológica. A primeira atividade desenvolvida a partir dessa proposta foi a leitura de textos e pesquisas que relatavam a vida e representações sobre jovens em diferentes períodos históricos e em diferentes culturas. Segunda atividade, também dentro dessa mesma proposta, foi a

leitura de imagens que representavam jovens em diferentes tempos históricos e em diversas culturas. Em uma das edições desse projeto, conseguimos levar os estudantes à exposição *Gênesis*, do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, com um roteiro de observação e leitura das imagens. Um dos pontos do roteiro de observação foi a comparação das imagens com a vida cotidiana dos jovens, de pessoas próximas e da sociedade em geral, destacando as semelhanças e diferenças.

Como resultados finais das discussões e estudos teóricos (GEERTZ, 1989; ABRAMO, 1994; 1997; DAMATTA, 2000; LARAIA, 1986) realizados durante o tempo dedicado a essa discussão destacamos duas experiências: a elaboração de material didático (vídeo) e a intervenção artística no próprio colégio.

A partir do desafio lançado pela professora: “o que vocês gostariam de dizer para outros jovens (e adultos) sobre a própria condição juvenil?”, a ideia de um documentário foi elaborada pelos jovens da turma. Após debate, defesa de ideias e votação, foi escolhido que desenvolveriam um vídeo, no estilo de documentário. Como catalisador assistimos trechos selecionados do filme *Pro Dia Nascer Feliz*, que retrata o cotidiano de algumas escolas brasileiras e questões como dramas, sonhos, realidades, violência, etc. de jovens.<sup>1</sup>

O trabalho envolveu a construção de projeto, roteiro, gravação, edição e exibição pública em sessão para os colegas do EM. O assunto principal girou em torno do tema “Preconceitos” sofridos pelos jovens. O recado era direcionado principalmente aos pais, buscando mostrar que eles (jovens) não eram irresponsáveis, ora não fazendo nada ora fazendo só coisas erradas. O sentimento compartilhado por muitos era o de serem tratados como inúteis, como destacado por um aluno de 15 anos, fazendo referência à música *Inútil* da banda Ultraje a Rigor. Também foi destacada a falta de estímulo, como nos dizeres de um aluno de 17 anos ao destacar que agora ele só era cobrado, diferentemente de quando era mais novo, em que os pais o estimulavam e parabenizavam pelas suas ações.

O título do vídeo produzido foi “Jovens”, introduzido por imagens diversas: corpos e etnias diversos, cenas de festa e formas de sociabilidade, manifestações políticas, símbolos que remetem a escolhas profissionais e a futuro *lato sensu*, materiais e marcas de consumo, charges de famílias, multiplicidade de estilos estéticos e musicais, momentos históricos diferentes, novas tecnologias e formas de interação e comunicação, diversidade cultural, desigualdade social. Após esse jogo de imagens surgiam, em forma de texto escrito as seguintes questões: “Vocês acreditam que essas imagens representam todos nós da mesma forma? Será que esses aspectos cabem em nós? O que queremos? O que nos tornaremos? O que somos nós? Afinal, o que é ser jovem? Então queremos mostrar mais sobre nós” A seguir aparecem as cenas dos entrevistados respondendo diversas questões, sendo que as mesmas são introduzidas por tópicos (texto escrito): “Pertencer a um grupo”, “Futuro e responsabilidade”, “Trabalhar com jovens”.

Já um outro resultado que envolveu o trabalho dos estudantes e a integração de professores de diferentes disciplinas no colégio (sociologia, música, artes visuais, teatro e biologia) foram as intervenções em sábados letivos. Destacamos a edição em que os estudantes foram divididos em cinco grupos de expressão de acordo com seus interesses. Tais interesses foram listados a partir do questionário aplicado no primeiro encontro, na parte em que os estudantes assinalavam o que gostavam de fazer, por exemplo, dançar, cantar, desenhar, atuar, tirar fotografia, praticar esportes, entre outros.

Em cada grupo uma professora/professor ficava responsável pela mediação e apoio, sendo livre, porém decidida pelos integrantes do grupo, por meio de votação, a escolha da abordagem e a forma de expressão. O tema norteador, claro, foi juventudes. Uma peça de teatro foi idealizada e apresentada pelos estudantes do grupo do teatro, destacando dilemas, medos e sociabilidades. O grupo de artes visuais realizou algumas intervenções artísticas pela escola, como pinturas de grafite em portas, painéis, paredes e bancos. O grupo de dança desenvolveu uma coreografia e apresentação de hip hop. O grupo do

esporte desenvolveu um vídeo que demonstrava o quanto a escola ainda pode estar alheia ao que os jovens entendem por esportes e por atividades esportivas, por exemplo, o skate. Já o grupo da música optou por apresentar duas canções da banda Legião Urbana, *Aloha* e *Tempo Perdido*, que dialogam muito com o tema juventude.

Um segundo eixo temático desenvolvido no projeto foi: *Jovens enquanto sujeitos de direitos e deveres*. A ideia principal foi demonstrar como todos são sujeitos de direitos, independente de quem somos ou onde vivemos.

Iniciamos com a leitura de documentos importantes nessa temática: Declaração Universal dos Direitos Humanos, Constituição Federal Brasileira, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto da Juventude, juntamente com a historização dessas fases/eras dos assim conhecidos Direitos Humanos modernos, utilizando para tanto os apoios teóricos de Norberto Bobbio (1992) e de Thomas H. Marshall (1967). Após debates sobre os artigos de destaque, passamos a pesquisar casos de desrespeito a tais direitos, bem como, caminhos na busca por defendê-los.

Para tanto, realizou-se a pesquisa em sites em nível local, regional, nacional e internacional de Organizações Não Governamentais (ONGs). Também foram fundamentais para esclarecimentos a busca por Movimentos Sociais, manifestações sociais, órgãos públicos, como Ministério Público, bem como secretarias municipais, estaduais e federais.

Destacamos alguns resultados: a atividade *Intervenção em Direitos Humanos*, com várias edições. Seguindo os mesmos moldes, grupo de interesse, tema e forma de expressão livre, com o apoio e supervisão de docentes de diferentes áreas do conhecimento e realizadas em sábados letivos, tais como: produção de um vídeo sobre liberdade de expressão; cartazes pela escola sobre direitos diversos; teatro e fotos acerca de manipulação, desigualdade social; pinturas em estilo grafite sobre relacionamentos homoafetivos, gestações homoparentais e direitos LGBT; produção de material digital para ser compartilhado na internet, como charges e memes discutindo entre outras coisas a pobreza e o uso dela para fins eleitorais.

## Considerações Finais

Com as experiências vivenciadas nesse projeto, conseguimos refletir sobre a nossa prática docente, buscando, superar a imagem um tanto comum das aulas de Sociologia, enquanto chatas e cansativas, não gerando prazer aos alunos e aos próprios professores.

Mas, para isso faz-se necessário adequar o conteúdo (currículo) trabalhado, construindo uma ponte entre o conhecimento teórico e a explicitação da sociedade na qual o aluno se insere. Logo, cabe ao docente trazer o mundo que cerca o aluno para dentro da sala de aula, pois é nesse mundo que ele se reconhece e se relaciona, valorizando as suas experiências e conhecimentos, atentando, ainda, para os seus interesses.

Ademais, recorrer a uma prática dialógica com os alunos, base da relação e da interação, intensifica o aprender significativo. Desse modo, o docente se propõe a favorecer a participação do alunado, promovendo um ambiente democrático e cooperativo na sala de aula, a estabelecer trocas de experiências e aprendizados mútuos. Bem como, a ouvir mais e a falar menos, buscando conhecer, de fato, os estudantes ou invés de restringir a intervenção dos mesmos à simples complementação ou à ilustração das falas dos professores.

O projeto pedagógico *Juventude(s)* foi avaliado pelos alunos e docentes envolvidos como positivo e de sucesso, uma vez que contou com intensa participação discente, mesmo em sábados letivos. Percebemos que os estudantes se sentiram mais valorizados por apresentarem suas ideias e manifestações culturais. Além disso, desenvolveram questionamentos críticos e reflexivos quanto aos processos sociais que estão relacionados à produção e à manutenção das condições socioculturais que vem construindo e insti-

1 > *Pro Dia Nascer Feliz*. Roteiro e Direção: João Jardim. Distribuidora: Copacabana Filmes, Brasil, 2006.

tuindo tipos/modelos juvenis e representações sociais (valores e significados) acerca da juventude. Por fim, concluiu-se conjuntamente que o direito à informação sobre os seus próprios direitos e deveres é o primeiro passo no processo de efetivação dos mesmos e o (auto)reconhecimento de sujeitos de direitos, configurando assim, a constituição de suas cidadanias ativas.

## Referências

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta/ANPOCS, 1994.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5, maio/ago. e n. 6, set./dez. 1997.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. *Ensino Médio: múltiplas vozes*. Brasília, DF: UNESCO/MEC, 2003.

\_\_\_\_\_. Juventude no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. In: AZEVEDO, F. *Juventude, cultura e políticas públicas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias. In: MORAES, A.; GUIMARÃES, E.; TOMAZI, N. *Conhecimentos de Sociologia*. v. 3. Brasília, DF: MEC, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)>. Acesso em: 1 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério Da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília, DF: SEMTEC/MEC, 1998. Versão de 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério Da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN + Ensino Médio: Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília, DF: MEC, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares do Ensino Médio em Debate: Sociologia*. 2004. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seb/pdf/13Sociologia.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2004.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 15. ed. Brasília, DF: Editora Revista dos Tribunais, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. 15. ed. Brasília, DF: Editora Revista dos Tribunais, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE). Brasília, DF, 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2013.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói*, n. 1, maio 2000.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: \_\_\_\_\_. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Luiz Alberto; LOPES, Eliane M. Dispares e Pares: eis a questão. *Dois Pontos*, mar./abr. 1997.

LARAIRA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

MARSHALL, Thomas Humphrey. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2009.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

